

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 23 de novembro de 2016**

Texto de referência: J. Carrón, “A forma do testemunho”, Passos, outubro 2016, pp. 23 a 28.

- *Al mattino*
- *Cry no more*

Glória

Carrón: Nestes tempos não faltam desafios, do terremoto às eleições americanas, da Brexit ao plebiscito constitucional na Itália, além dos desafios pessoais que cada um de nós, por motivos diversos (doença, trabalho, etc), precisa enfrentar cotidianamente. São, todas, ocasiões para verificar o que estamos dizendo sobre a relação entre o pertencer e a expressão cultural. A música que acabamos de cantar – e espero que nas próximas vezes todos tragam o livro de cantos para podermos cantar juntos – diz: “Não chore mais porque Aquele que está ao seu lado não lhe abandonou” (R.Veras/R. Maniscalco, “Cry no more”, *Canti*, Coop. Ed. Nuovo Mondo, Milão 2014, p. 325). Uma expressão cultural assim só pode nascer de um certo tipo de pertencer, porque se não vivo um pertencer que me permite não chorar, diante das situações normais da vida eu choro como todos. Por isso, dissemos sinteticamente que a origem da expressão cultural provém ou de uma insegurança existencial ou da certeza: e isso emerge diante de todos e diante de nós, sobretudo no enfrentamento das circunstâncias. Cada um pôde ver como enfrentou e está enfrentando os desafios. E, portanto, pôde verificar aquilo que dizemos em *A Forma do Testemunho* citando Dom Giussani: “Eu lhes pergunto se o problema de uma fé que se torna cultura [que se torna expressão cultural], capacidade de cultura, não está muito mais na certeza da fé, do que na esperteza [na inteligência, nas análises] da passagem para a cultura” (p. 23). É isso que precisamos verificar: o que nos coloca na realidade com uma expressão cultural diferente? É interessante constatar, lendo todas as perguntas que vocês enviaram, que há um desejo de entender mais o significado das palavras que usamos: testemunho, pertencer, desejo, certeza, tarefa. São todas palavras que emergem das perguntas de vocês, porque cada vez mais percebemos que não podemos considerá-las óbvias, quer dizer, que os desafios da vida são de um calibre tal que não basta dizer o “já sabido” e, portanto, são uma ocasião para reaprender estas palavras em toda a sua profundidade.

Colocação: *Estou trabalhando sobre A Forma do Testemunho há algumas semanas. Preciso lhe agradecer por este documento porque está provocando em mim perguntas que antes eu não tinha e, por isso, tenho um grande desejo de entender. Você fala de pertencer. Mas o que é pertencer? Explico o por que desta pergunta. Durante muitos anos confundi o pertencer com colocar uma máscara e isso impediu que meu eu se manifestasse. Um pertencer como um esquema ao qual me adequar foi sufocante para mim, chegando a ser um impedimento para a compreensão do caminho vocacional que deveria seguir. Quando me opus a este modo de conceber o pertencer comecei a entender quem sou e o que realmente quero, comecei a ir até o fundo das palavras “coração”, “razão” e “desejo”, sobre as quais Dom Giussani sempre insistiu. Ainda hoje, dez anos depois de ter abraçado a forma vocacional definitiva, a pergunta permanece: o que é pertencer? Não me satisfaço com aquilo que acho que entendi porque a vida me coloca novos desafios e eu não quero estar despreparada para enfrentá-los. O risco de responder aos desafios de modo inadequado existe. Obrigada pela sua presença, você é para mim um exemplo de fidelidade ao carisma de Dom Giussani e um grande conforto na fé.*

Carrón: Como você disse, os desafios da vida suscitam em nós o desejo de entender cada vez mais profundamente a natureza do nosso pertencer, que está ligada ao significado das palavras que dizemos. E, por isso, nasce também um grande desejo de entender, de ir até o fundo das palavras fundamentais. Não nos contentamos mais com aquilo que já sabemos. Por quê? Por causa dos desafios, porque se eu não aprofundo cada vez mais as coisas que nos dizemos, vejo-me

despreparado. O motivo pelo qual desejamos entender cada vez mais é exatamente porque muitas vezes a vida nos encontra despreparados. E isso mostra a relação que existe entre os desafios que vivemos e a compreensão das palavras do carisma. Se não fôssemos constantemente desafiados pela provocação da realidade, por aquilo que acontece, nos contentaríamos em repetir a mesma ladainha. Porém, não. Os desafios não são algo incidental, mas, como diz Dom Giussani, são decisivos para entendermos. E, portanto, só podemos entender se os levamos a sério. No seu caso, o que você quer esclarecer é a questão do pertencer: o que é pertencer? Diante de uma pergunta assim, cada um de nós é provocado: o que eu responderia a esta pergunta? E é preciso começar a trabalhar. Não estamos aqui apenas como espectadores, somos protagonistas daquilo que está acontecendo; mesmo que nem todos falem – porque isso é impossível –, podemos todos ser protagonistas se neste instante cada um de nós se fizer a pergunta: o que eu penso do pertencer? Fazendo assim, começamos a ter uma hipótese de resposta e podemos fazer a comparação entre aquilo que cada um tentou responder e o que emerge na experiência que faremos esta noite. E, assim, participar de um gesto como este nos coloca todos em caminho. Digo sinteticamente, citando Giussani, o que é o pertencer, apenas para começarmos a entender. Mas espero que no decorrer do caminho, das colocações que vocês farão, surja uma contribuição para a resposta. “O pertencer é uma dimensão estrutural do eu: éramos nada, agora existimos... [quer dizer que] somos de um Outro!”, dependemos, pertencemos a um Outro. Isto já seria suficiente. Mas Giussani vai além: “Entender isto [é evidente que todos dependemos porque ninguém se faz por si] depende de um acontecimento providencial, piedoso e amoroso. [É um acontecimento que me faz entender a resposta a esta pergunta]. Este acontecimento pode ser um *carisma*. É uma modalidade com a qual Deus faz você entender que pertence a Ele”. Somente se você se dá conta de que pertence a Cristo através da história que o tomou poderá ver se esta história gera um eu capaz de estar diante de qualquer desafio, como veremos depois. “E, por isso, você não pode mais se afastar desse acontecimento, ou seja, desse carisma, da forma através da qual Deus lhe entregou essa verdade [que você é dependente de um Outro] sem trair a verdade mesma. A graça é exatamente o dom com que Deus faz acontecer um fato a partir do qual você entende que pertence” (L. Giussani, *Realtà e giovinezza. La sfida*. SEI, Turim 1995, p. 2013).

Colocação: *Voltei há pouco tempo do Cazaquistão onde fui encontrar alguns amigos e, em particular, fiquei impressionado com um fato que me contou uma muçulmana – que trabalha há dez anos com uma amiga nossa num centro para a juventude, onde cuidam de refugiados e famílias carentes. Essa muçulmana contou-nos que cerca de vinte anos atrás seu pai abandonou a família e foi morar com outra mulher, e ela a odiava e nunca quis conhecê-la. Contou-nos que durante anos o que havia entre ela e o pai era apenas um muro feito de silêncio, um muro feito de distância, de não olhar para ele, de não conseguir encarar aquela situação. Disse que nestes dez anos em que viveu com os amigos no Centro, introduziu-se nela o pensamento, quase uma dúvida, de que talvez a infância de seu pai (assim que nasceu seus pais o entregaram a outro casal) não o tenha ajudado a olhar para a realidade com uma capacidade adequada; e, provavelmente, também a sua experiência religiosa na família não o tenha ajudado a apreciar e aproveitar a realidade. E ela percebeu que o relacionamento com os amigos católicos mudou a sua percepção da realidade, ou melhor, introduziu um olhar sobre as coisas e sobre as pessoas – disse isso com maravilha – que antes não tinha. Esse olhar lhe permitiu, num determinado momento, romper o muro que a separava do pai. De fato, começou a perceber que o pai não vivera a experiência e os encontros que a estavam ajudando a reconsiderar a presença dele na sua vida. Nesse período a mãe adoeceu gravemente e ainda hoje precisa de assistência contínua. Cerca de quatro anos atrás, quando o pai tinha sido abandonado pela mulher com quem estava e bebia muito, essa nossa amiga muçulmana completou um percurso: foi ao encontro do pai e propôs que ele voltasse para casa. Coisa que o pai fez. E, há três anos, cuida de sua mulher vinte e quatro horas por dia. Ela acrescentou uma coisa que, para mim, é importante. Disse que essa escolha não é algo permanente, que todos os dias ainda sente em seu estômago, como um vulcão, o magma do ressentimento, da ferida que tende a explodir. Mas acrescentou que é mais conveniente observar o fruto do perdão quando vê o pai*

cuidando de sua mulher todos os dias. Quando ouvi isto, lembrei-me da carta do detento e do olhar cheio de misericórdia que teve para com os guardas que o perseguiram e, para mim, foi mais uma verificação de tudo o que você disse no texto “A forma do testemunho”, ou seja, que a razão principal da nossa amizade é a realização do coração e que só a realização do coração é a resposta ao nada, vence o niilismo, exatamente por força da experiência que fazemos.

Carrón: Tanto o pai quanto a filha, nenhum deles existia. Qual é a diferença entre eles? Que à filha aconteceu um fato, ou seja, a amizade com os amigos católicos, que mudou a sua percepção de si e a percepção da realidade. Sem esse encontro teria continuado a viver – como falava do pai em relação à sua experiência religiosa e afetiva – sem que essa consciência tomasse corpo. E somente por causa dessa consciência nova começou a olhar para o pai sem julgá-lo apenas pelo que tinha feito, mas compreendendo que a ele não tinha acontecido o que tinha acontecido a ela. Foi o pertencer a um lugar que mudou seu olhar sobre a realidade. Uma história particular, pertencer a um lugar preciso, a rostos precisos, mudou-a e ao invés de um olhar moralista sobre o pai começou a introduzir-se nela um olhar diferente, a ponto de reconhecer que o pai, durante a infância, não viveu uma experiência que o abrisse à realidade como aconteceu com ela. Então, parou de recriminá-lo e foi ao seu encontro para olhar para ele assim como ela tinha sido olhada. É simples! Este é o pertencer que muda tudo. Por isso, o ponto determinante da concepção do homem, da modalidade com a qual nos concebemos, e conseqüentemente estamos na realidade, é uma história particular, dizíamos da última vez (como a do “sim” de Pedro ou a dessa menina, ou como a que cada um pode reconhecer em si). Uma pessoa que não pôde estar aqui esta noite enviou uma pergunta sobre outra palavra: certeza. “Não sei por que, o trabalho sobre o texto ‘A forma do testemunho’ está levantando muitas questões entre nós como há muito tempo não acontecia, pelo menos não desse modo. Por exemplo, o desejo de certeza emergiu muito forte. ‘Precisamos de certeza – dizia uma amiga minha – mas isso se choca com a nossa fragilidade, com as circunstâncias difíceis de todos os dias’”. As circunstâncias estão fazendo emergir com simplicidade a falta de certeza. E não é que antes ela não existisse, mas agora temos a liberdade de olhá-la de frente. Parece nada, mas é diferente. O passo que estamos fazendo é para poder abraçar também a fragilidade, as perguntas que temos sobre essas coisas, para poder começar a olhar para elas e fazer um caminho que nos permita enfrentá-las. Mas, a certeza da fé da qual se fala, é fruto de um trabalho?

Colocação: *Estou vivendo um período sofrido e gostaria de lhe pedir ajuda. Nos últimos anos começou a surgir em mim uma pergunta que neste último período tornou-se mais forte e dramática: como o coração pode desejar coisas que, depois, se revelam não ser para ele? Por que Jesus permite que o meu coração deseje algo, que eu vá atrás desse desejo porque percebo ali uma possibilidade para mim, mas depois decide não me dar o que desejei? Ultimamente, isso, para mim, é um ponto muito doloroso e tenho muita dificuldade em confiar que dentro desta dor haja um bem. Talvez sejam apenas palavras, mas no fundo no fundo meu coração duvida. Apesar disso, Ele não se cansa de recontar nos meus dias em pequenas coisas simples, como para me dizer: “Olha que é verdade que eu me preocupo com você, não me esqueci de você”. Por exemplo, numa noite da semana passada, quando voltava do trabalho, meu coração estava muito inquieto, estava exausta e, por acaso, encontrei algumas amigas no caminho. Apenas ver seus rostos, ver o bem que me queriam me reanimou e voltei para casa mais tranquila. Já aconteceu com você, quando era jovem, entrar no seu quarto, vê-lo todo arrumado e imediatamente pensar: “Mamãe passou por aqui”? Para mim, naquela noite foi assim, percebi a Sua mão, e disse: “É Você!”. Isso me reanimou porque não me senti só e me redescobri amada. No decorrer das semanas acontecem muitos destes momentos de graça, mas percebo que isso não basta porque, sempre que chega um novo dia às vezes basta o instante seguinte e a dor volta, a dúvida se torna viva novamente e me derruba. Porém, eu não quero viver assim, com altos e baixos. Percebo que é preciso fazer um trabalho, mas qual?*

Carrón: Qual? Voltamos, assim, à questão do trabalho que nos permite chegar à certeza que aspiramos. É apenas fruto de um trabalho? É apenas para os mais afortunados, apenas para quem encontra testemunhas? E ainda: “Tenho dificuldade em confiar”, porque às vezes Jesus nos faz

desejar certas coisas e, depois, não nos responde, ou não responde como imaginávamos que deveria responder. Apesar disso, nós não podemos deixar de reconhecer certos momentos em que verdadeiramente acontece algo que documenta que Jesus está presente: pode ser um encontro, pode ser um fato absolutamente inesperado. A questão é que todos começamos a entrever que é preciso um trabalho. E é exatamente isso o que diz uma amiga que me escreveu: “Conto um fato muito pequeno. Lendo o texto “A forma do testemunho” para entender melhor o que é o testemunho, fiquei muito impressionada quando você fala da esterilidade [é apenas para os afortunados, para os inteligentes?]. “O testemunho – diz – é de Cristo em nós”, o resto é uma consequência. Fiquei impressionada porque a forma do testemunho que eu vejo em ação na minha vida está exatamente dentro da minha esterilidade [não é para pessoas inteligentes ou que sejam capazes de fazer algum tipo de *performance*]. O modo que tenho de reconhecer que Deus está em ação é que eu, de estéril torno-me fértil. Não preciso colocar em ação não sei que estratégia ou demonstrar alguma coisa, mas descobrir o Seu testemunho em mim. Dou um exemplo [um exemplo desse trabalho que está ao alcance de todos]: noutra noite estava indo para casa e estava muito triste. Precisava pegar o trem e ir para casa, onde não havia ninguém; meus familiares não estavam porque tinham ido embora e minha irmã também não estava. Em suma, ninguém me esperava. Ainda precisava jantar e, além disso, precisava andar da estação até minha casa sozinha, no frio. A situação era um pouco desoladora, e tudo indicava que meu estado de espírito iria piorar. Então, subi no trem e pensei: ‘Nestes quarenta e cinco minutos de trajeto vou dormindo e, assim, não penso mais nisso’. Fiquei impressionada porque, enquanto pensava isto, disse a mim mesma: bem, posso dormir e depois acordar, e como isso resolve o meu problema humano? Simplesmente vou adiá-lo, mas a questão continua. Tudo bem, dormir me ajudaria a descansar um pouco porque estava cansada, mas era mais para dizer: ‘Basta’. Era uma hipótese para lidar com a minha tristeza, mas não me levaria a lugar algum. Não só adiaria o problema, mas o agravaria. Prevendo essa situação, pensei: ‘Eu tenho uma hipótese mais interessante [pensem: qual é a hipótese mais interessante que podemos ter, algum espetáculo hollywoodiano?] para enfrentar esta tristeza’. Então, peguei o texto da Escola de Comunidade. E, lendo-o, muitas coisas me tocaram, mas a que mais me impressionou foi a da esterilidade, porque ali falava de mim. ‘Sou eu, eu sou a mulher estéril, e Tu, Senhor, te tornas evidente exatamente porque sou estéril, porque de forma alguma brotaria de mim a novidade que Tu carregas’. Isso me impressionou tanto, foi um tal reconhecimento da natureza do testemunho de Cristo na minha vida, que me despertou [basta apenas abrir-lhe uma fresta, basta apenas deixar entrar algo diferente] e li o texto inteiro com uma voracidade e um estupor que nunca pensei possíveis, parando para meditar cada frase. E voltei para casa a pé, no frio, saltitando. Havia uma ousadia em mim por causa dessa novidade renovada e reconhecida como real na minha vida. Eliminou até a última resistência do meu pensamento: ‘Não sou adequada’ (no fundo, vivo o problema da inadequação em tudo o que faço), porque Alguém havia me dito: ‘A novidade é que Eu vim à sua vida para responder ao seu drama humano, exatamente dentro da sua inadequação’. Que mudança de perspectiva! Por isso, entendo quando você fala de surpresa, porque reconhecê-Lo transformou toda a minha tristeza em audácia, minha esterilidade tornou-se fertilidade e a solidão que achei que sentiria quando chegasse em casa tornou-se a possibilidade de diálogo com Ele e de companhia. Por isso, em casa, mesmo enquanto comia sozinha, não estava só”. Cristo não responde às nossas imagens, porque quer nos dar algo a mais, algo mais decisivo, algo que responda verdadeiramente às nossas necessidades mais profundas. Então, por que não confiamos? Por que temos tanta dificuldade em confiar naquilo que vimos e tocamos tantas vezes em nossa vida? Por que, diante de tantos fatos que acontecem, não confiamos?

Colocação: *Não consigo parar de pensar na última Escola de Comunidade, em particular na primeira e na última colocação, que me parecem muito ligadas. Nas duas últimas semanas aconteceu um fato que me fez entender uma coisa. O filho do meu irmão precisou fazer um exame por causa da suspeita de uma doença e o resultado só saiu vários dias depois. Durante todo o tempo de espera fui invadido por uma incerteza e um medo que me levou a perguntar: onde está todo o meu caminho, a minha experiência, o meu trabalho, a minha fé, se, no fim, basta tão pouco*

para tirar de mim toda a certeza que pensava ter? E, assim, nessa circunstância percebi como eu conheço pouco a realidade, a mim mesmo e os fatos que acontecem e como, no entanto, achamos que já sabemos. A última colocação da Escola de Comunidade sobre o “sim” de Pedro parece-me ser a única maneira para iniciar um caminho verdadeiro do conhecimento que, muitas vezes, em mim, é interrompido, gerando medo, incerteza e desconforto. É isso o que me acontece. Muitas vezes, na verdade praticamente sempre, fico tocado pelas pessoas e pelos fatos que elas contam, mas dificilmente fico tocado por aquilo que toca essas pessoas.

Carrón: Atenção!

Colocação: *Essas pessoas são tocadas por algo que vem antes. Como posso pensar que conheço a mim mesmo e aquilo que me acontece se não conheço Aquele que está na origem de mim e de tudo o que acontece? Por isso, parece-me que o caminho do conhecimento dos fatos que se tornam companhia na vida e não são mais “descartáveis” (como se dizia na última Escola de Comunidade), se falta a origem que os gerou, os origina e os gera, não é um caminho verdadeiro, mas uma série ininterrupta de pretensões que, no tempo, deixam-me triste e sozinho. O “sim” de Pedro nunca me pareceu um esforço moral porque Pedro chegou a ponto de não ter quase mais moral depois de todas as traições que cometeu, assim como eu também cometi as minhas. O seu, era um “sim” àquilo que vinha antes na sua vida, que era a sua única possibilidade de poder conhecer-se e àquilo que estava acontecendo com ele. Gostaria que me ajudasse a entender melhor como se dá a posição que gera este sim, que gera um novo modo de conhecer.*

Carrón: O que você acha? O que nos falta que faz com que muitas vezes este “sim” não seja gerado, apesar de tudo o que acontece?

Colocação: *Eu percebo que o que vem antes muitas vezes é considerado óbvio.*

Carrón: E o que é que vem antes?

Colocação: *O meu relacionamento com Cristo.*

Carrón: A origem daquilo que acontece. Se nos fatos que acontecem não reconhecemos a origem que os provoca, então por que deveríamos confiar? Como podemos realmente confiar? Somente se identificamos o que vem ao nosso encontro naqueles fatos, naquele rosto, naquela circunstância, naquele momento de Escola de Comunidade, naquele texto: a presença do Único que pode responder e que pode despertar a sua mudança dizendo: “Tu me amas?”. “Sim”. O “sim”, como nos disse Dom Giussani, a moralidade, o movimento da liberdade, só nasce diante de uma Presença. Como disse antes nossa amiga, o problema é se quando voltamos para o quarto e o vemos limpo e arrumado não conseguimos deixar de dizer (e não porque somos inteligentes): “Mamãe esteve aqui!”. Isso gera uma afeição à mãe que não nos deixa sós. Não devemos ceder à redução que nos leva a imaginar que um quarto possa ser organizado por uma espécie de magia ou que o fato que vimos e que nos tocou seja simplesmente a *performance* extraordinária de alguém. Não, os fatos são a documentação da origem, de algo que vem antes. Se não chegamos à fé, ao reconhecimento de uma Presença que me toca agora através dos fatos, eles não deixam rastros e eu, em todas as ocasiões, me vejo novamente desprovido daquilo que, no entanto, vi. Não estou dizendo que o fato de ter visto anule a necessidade de entrar em relacionamento sempre com essa origem, mas que, tendo visto, não me concebo mais só. E quando tomamos consciência disso, quando essa história entra pouco a pouco em nossas fibras, isso gera uma modalidade diferente de estar na realidade.

Colocação: *Meu pai teve um derrame e ficou paralisado, sem poder falar e comer. A notícia fez nascer o pedido de sentido que caracteriza o coração e isso me impressionou porque fazia muito tempo que não sentia mais toda a sua potência e dramaticidade. Imediatamente foi-me colocado o problema do conhecimento: por que isto? Naquela noite, enquanto ia ao Pronto Socorro, fui estranhamente invadida pelo pensamento de que Cristo, através daquele fato, me chamava, pedia o meu sim despertando-me do torpor no qual me encontrava. Este pensamento me fazia perceber a Sua companhia e isso me deixava em paz. Não podia deixar de reconhecer que dentro daquela circunstância bastante dolorosa Ele estava presente, porque a experiência daquela estranha paz era muito nítida. A nota dominante destes cinquenta dias foi o desejo de entender, de conhecer e de ver Cristo em ação, porque diante de um fato tão maior que eu, não posso partir daquilo que sei,*

ou daquilo que gostaria como imagem e desejo bom, ou de um discurso religioso. Observando meu modo de agir, vi-me dominada por dois modos de olhar para a realidade. O primeiro, parte da minha ideia de como meu pai deveria estar, do que ele precisa, de como deveria se curar, de como deveria voltar a viver. Mas sempre que estou na frente do quarto dele determinada por esses pensamentos, fico sem ar e tenho uma dificuldade enorme a ponto de não conseguir entrar porque a realidade não se move. O outro olhar tem uma origem diferente, carregado de todo o peso da minha história, da minha vocação, e até da memória daquele instante no carro enquanto dirigia até o Pronto Socorro; isso me torna realmente livre e contente, porque tudo o que acontece (se ele está dormindo ou acordado, se me reconhece ou não) não me deprime, pelo contrário, faz parte do diálogo entre mim e o Mistério. É matemático: quando entro no quarto propensa a reconhecer Cristo, vejo coisas que de outro modo não vejo, ou melhor, vejo que as coisas de sempre têm uma raiz de bem, como o rosto do meu pai, que não indica só sofrimento e confusão, mas indica, antes de mais nada, que existe, que está vivo, sofrido e ferido, mas vivo e, portanto, feito, originado naquele instante por um Outro. Um dia, papai estava irritado e fazia insistentemente sinal para eu ir embora. Então, sentei-me do lado do quarto de onde não conseguia me ver e deixei-me provocar. Não queria me lamentar, queria entender de onde vinha toda aquela reação e, para entender, precisava obedecer àquilo que tinha diante de mim sem me afastar um milímetro. Olhando para ele, percebi que mexia freneticamente a perna não afetada pela doença e, então, timidamente perguntei se queria fazer um pouco de ginástica. Compreendido em sua necessidade, seu olhar se iluminou e eu, que nunca tinha me sentido olhada assim por meu pai, comovida, entendi que Cristo estava reatando. Qual era a necessidade do meu pai? Fazer um pouco de ginástica ou sentir-se compreendido em sua verdadeira necessidade, que é a de ser amado assim como é, agora? E eu, do quê preciso senão da mesma coisa? Aquele olhar atraente conquistou-me e eu não o trocava – nunca! – por todos os olhares, ainda que afetuosos, que trocamos durante toda a vida.

Carrón: É este o pertencer vivido que pode gerar um olhar que permite ver algo que, de outro modo, sequer poderíamos sonhar. Quanto tempo será preciso? Não sabemos, mas isto é possível. É possível. E isto determina tudo – por isso tudo o que fazemos tem como fim gerar um eu assim –, incluindo o Plebiscito que se aproxima.

Colocação: *Gostaria de lhe agradecer pelo trabalho que o Movimento está nos levando a fazer também por ocasião do Plebiscito. No meu grupo de Escola de Comunidade, trabalhando sobre o panfleto na última segunda-feira, houve um momento de tensão. De repente, fiquei decepcionado e não sabia como reagir. Depois, com o passar dos minutos, algumas evidências ficaram claras. Nós somos os primeiros que sofremos de dialética, precisamos realmente fazer todo um caminho para reaprendermos a dialogar. A discussão nasceu porque enquanto um falava o outro já tinha suas convicções. O panfleto é o caminho, não a premissa. Eu também, no início, tinha uma dificuldade louca de entender por que tinha sido escolhida uma posição tão discreta, suave. Porém, agora reconheço que ela nasce da certeza pela qual não devemos impor nada, apenas propor um olhar que seja reflexo do Seu olhar. Realmente, a posição cultural sempre nasce do pertencer. De fato, quando o pertencer esfria tornamo-nos presas dos entendidos, do instinto ou de uma nostalgia de esquemas do passado. Acho que posso dizer – mas corrija-me se estiver errado – que um olhar assim, obrigatoriamente joga na defesa e, em última instância, contra, o oposto da saída à qual nos convida o Papa. Ninguém de nós pode se entrincheirar na presunção de ter a resposta certa, mas há também o risco de uma falsa disponibilidade que tem boa intenção, mas é falsa. A abertura de que falamos só pode brotar do mendigar o coração do outro. No dia seguinte estava um pouco desconfortável, mas sinceramente grato. Sabe qual foi, de fato, para mim, o sabor de todas essas descobertas? Entender um pouco melhor o método de Deus, do pai com o filho pródigo, quer dizer, de uma espera pelo outro tão pungente capaz de renunciar a tudo de si: os princípios, as boas regras, o orgulho, inclusive as convicções políticas e as alianças, para buscar um bem maior, uma verdadeira comunhão. Assim, experimentei uma grande promessa no relacionamento com meus filhos. Provavelmente não será fácil, mas é uma proposta fascinante para a liberdade deles e para a minha. Depois daquele dia, decidimos escrever para nossos amigos da Escola de Comunidade*

para fixar alguns pontos que tinham emergido: “Primeiro: a gratidão pelo que aconteceu. A vivacidade do encontro é uma graça. A presença de alguns amigos foi um presente pelo qual somos gratos porque sem dúvida nos ajuda a entender melhor as questões em jogo. Pedimos que a nossa Escola de Comunidade tenda cada vez mais àquele nível de seriedade e de empenho com a vida e de abertura para com todos. Segundo: o reconhecimento de uma proposta livre e pessoal. O panfleto do Movimento é uma proposta livre e pessoal, o único e insubstituível caminho para conquistar um conhecimento mais profundo, verdadeiro e proveitoso da vida. Perderíamos o melhor se fechássemos o seu conteúdo em um ‘já sabido’ e fôssemos direto para as conclusões. Para fazer um teste, perguntamo-nos: estamos disponíveis a mudar de ideia quando encontramos uma razão mais fascinante e correspondente? Somos dominados pelo temor de perder as certezas do passado ou, em última instância, dispostos a outro início? Terceiro: um tesouro escondido. Há muito mais em jogo do que o Plebiscito: recomeçar a dialogar ao invés de fazer discursos. O tesouro escondido dentro desta circunstância é aprender a estar ‘junto com’, com a pessoa mais familiar a nós assim como com um estranho que acabamos de conhecer, com o aluno ou com o colega de trabalho. Uma posição baseada sobre princípios justos, mas que não incide na história, que é ultimamente ideológica ou fechada em si mesma, não ajudará o mundo, mas, sobretudo, não me ajuda. Somente uma abertura ao outro cheia de simpatia humana, não preconceituosa, disposta a sacrificar-se pelo bem comum poderá vencer as diferenças e a indiferença e levar o que temos de mais caro na vida: Jesus”.

Carrón: Obrigado. Uma circunstância como esta pode ser a estrada de um caminho. E quando a vida urge de maneira ainda mais dramática, quando acontece algo como o terremoto?

Colocação: Toda a pessoa é colocada em jogo, incluindo sua fragilidade e todas as perguntas que já pareciam estar respondidas. Nós perdemos a casa pela segunda vez em dezenove anos, por causa do terremoto (uma vez seria suficiente!) e não nos basta mais nos limitarmos apenas à ideia de nos lançarmos para reconstruir as coisas, para voltar a viver como antes, para colocar uma etiqueta cristã no sofrimento. Então, a pergunta sobre o que nos mantém de pé, sobre o que nos salvou e como reconhecê-lo foi um pedido muito forte, com todos os acentos dramáticos e angustiantes e até um pouco depressivos, às vezes. Nenhuma organização, nenhum esforço meu ou da minha família, ou coletivo, pode tapar esse buraco. Minha mulher imediatamente sentiu sobre si a pergunta feita a Pedro: “Tu me amas nesta circunstância?”. Mas não sabia responder. Um amigo padre disse a ela ao telefone: “Para responder é preciso um percurso, um caminho”. E o nosso eu diria que começou mal, porque foi um percurso de cansaço – depois do segundo tremor ainda mais forte do que o outro –, de medo, uma rota de fuga de setenta quilômetros pela costa junto com milhares de pessoas, em um clima de êxodo, mas também com o desejo de ouvir amigos, conhecidos, de nos sentirmos seguros (é uma coisa normal), com a gratidão de estarmos vivos, de termos sido salvos, comovidos pela acolhida tão discreta, que era a de que precisávamos, no lugar onde estamos agora, mas ao mesmo tempo com a incerteza, a fragilidade e a sensação de impotência, de incapacidade, inadequação, temor, inutilidade, cheios de confusão, indecisos: mas o encontro que fizemos não devia nos salvar de tudo isso? Onde está ele? Estávamos quase envergonhados por nos sentirmos presas do medo e da dor, pela nossa fuga. Mas não nos escondemos atrás de uma máscara. E acho que isto nos salvou, está nos salvando de muitas coisas. Não colocamos uma máscara porque alguns amigos nos acolheram assim como somos, antes de qualquer coisa. Nossa filha, quando eu tentava acalmá-la dizendo que as coisas ficariam bem, num determinado momento, irritada, disse: “Eu preciso da minha amiga [era do que se tratava] agora”. E aconteceu a mesma coisa com os dois filhos mais velhos, que têm algo que fez com que um deles dissesse: “As condições mudaram, mas continuo sendo eu”, e o outro voltou a trabalhar na região do terremoto, apesar de todo o medo que podia estar sentindo, a ponto de dizer que o terremoto, no fundo, é uma aceleração. Feliz deles! Em suma, é uma aceleração um pouco forte”. Porém, nos ensinaram a dar o primeiro passo. Logo nos lembramos das pessoas para as quais telefonamos imediatamente para tê-las por perto por dez minutos, pessoas que estão conosco nos acolhendo. Mas o pedido sempre foi e continua sendo o de reconhecer agora, neste caos pessoal e

coletivo, a presença de Quem nos fez, nos encontrou, nos tornou cristãos, porque não podíamos mais arrancá-la de nós, mas continuávamos com todas as perguntas, porque não era mais óbvio que algo acontecesse. Então, no dia 31 de outubro almoçamos juntos, toda a família, e juntou-se a nós um amigo dos meus filhos. Comemos, nada de especial. No dia seguinte ele escreveu: “Vocês têm uma certeza que não vi em ninguém que sofreu perdas até menores do que as de vocês. Vocês não são normais, têm um ponto de onde recomeçar”. Eu telefonei para ele: “O que você disse? Não sei onde está essa certeza, tudo me parece vazio”. Minha mulher dizia: “Estamos vazios”. Uma semana depois, chegou uma amiga com o marido. Também neste dia, foi algo muito simples. Ela nos escreveu: “A serenidade de vocês testemunha a certeza naquilo que não decai: Cristo vivo entre nós. Precisamos ver isso e vocês nos mostram, porque se vê que vocês só precisam disso”. Ficamos um pouco espantados, parecia-nos, na realidade, que não tínhamos nada. Na semana seguinte uma outra amiga (toda relax e confiante) nos escreveu: “Falar com vocês me conforta”. Depois, o filho de um vizinho nos disse: “Vocês não têm a mesma expressão dos meus pais”. Outro amigo me mostrou o que vivemos e dizemos: “Desculpa, isso lhe parece normal?”. Agora há pouco, quem me deu carona me disse mais ou menos as mesmas coisas. No início, nós nos sentimos quase incomodados, como dizendo: eu não vejo nada, o que essas pessoas veem? Mas, depois, pouco a pouco, percebemos que eles são como mãos que nos devolvem a nós mesmos, nos dizem de que relacionamento somos feitos. E, na verdade, fomos nós que dissemos a eles. É como se fosse um círculo de ajuda, não sei explicar. E eu preciso desses espaços de liberdade que podem nos ajudar a dizer, como nos disse Prospero (quando veio a Marche), que podemos até ter medo, mas de modo diferente. Você dizia antes: “Choramos como todos”. Sim, choramos como todos, mas de modo diferente, evidentemente. E, aqui, entendo a questão da forma, da expressão, porque Alguém que está em mim é a forma e a expressão. É Alguém que está em mim e que se dá novamente a mim através de pessoas, rostos, lugares de liberdade. E, depois, Deus fará crescer aquilo que deve, talvez em um porão, mas não é isso o que importa.

Carrón: Esta é a razão última do pertencer e você a explicou muito bem. Porque quando tudo desmorona e a pessoa se pergunta: “O encontro não deveria nos salvar de tudo isso?”, você se surpreende tendo dentro de si uma diversidade da qual não tinha se dado conta suficientemente; e esta situação torna você absolutamente consciente de que não pode gerá-la por si, tanto que inicialmente não a percebe, mas todos os que estão em sua volta percebem e falam da diversidade que você carrega, embora sinta o mesmo medo. Os outros não estão errados, veem em vocês algo que é mais profundo do que o medo deles, mais profundo do que qualquer explicação psicológica, algo que é capaz de chegar ao centro do eu e deixá-los maravilhados. Quem dá testemunho? Onde está a adequação? Exatamente na maior inadequação, na maior esterilidade, aparece Quem dá testemunho em nós e que se chama Cristo. Mas, como Cristo chegou? Através de uma história particular, de um lugar de pertença ao qual a pessoa logo faz referência, que permite reconhecer a Presença que nos fez. Exatamente aquilo que líamos no início, na descrição que Dom Giussani faz do pertencer. Estamos juntos só e fundamentalmente por isso. Essa é a nossa expressão cultural. Quando a vida urge são os outros que nos dizem qual é a nossa contribuição para o mundo. Os outros nos dizem o que estamos fazendo tornando-nos conscientes do que carregamos de diferente, por estarem tocados e gratos. Como escreve também outro amigo que trabalhou nestes dias na obra de reconstrução. No fim do período em que ficou lá, ao se despedir, uma pessoa lhe disse: “‘Olha, os senhores de Norcia que trabalharam com você querem lhe dar um presente’. Uma sacola com pacotes de lentilhas. Fiquei sem palavras. Enquanto caminhávamos até o carro, me disseram: ‘Até agora, aqui, ninguém tinha recebido um presente’. Depois, fui me despedir do engenheiro responsável pelo departamento técnico. Ele me parou e disse: ‘Vou lhe dizer algo que não é apenas retórica; nestes dois meses, com todas as pessoas que passaram por aqui, disse-o apenas a uma pessoa antes de você: num período curto de tempo você tornou-se um ponto de referência aqui dentro. Você precisaria ficar mais duas ou três semanas. E se você não voltar, faremos o próprio prefeito chamá-lo!’”. São os outros que nos dizem o que temos que lhes interessa. Então, quando isso acontece, não nos tornamos palhaços, tornamo-nos uma presença que traz esperança a todos. E este é o testemunho que Ele dá. Mas se focarmos apenas na aparência e não formos à origem última

que torna possível essa diversidade – porque ninguém deve imaginar que seja algo que nós mesmos geramos –, quando estivermos diante dos desafios da vida não estaremos equipados para enfrentá-los. Quando reconhecemos isso, não podemos não nos sentir gratos, gratos! É aqui que surge toda a dramaticidade da pergunta: “Tu me amas?”, “Tu me amas?”. E não é um “Tu me amas” genérico, mas: “Tu me amas, enquanto venho tomar-te através do rosto de uma companhia concreta, de um pertencer histórico que te torna assim?”. Cristo nos faz entender o pertencer gerando um lugar onde esse pertencer a Ele acontece, para nós e para os outros, suscitando uma simpatia humana que nos abre a todos sem medo.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira, 21 de dezembro, às 21h00.

Como terminamos o trabalho sobre a Página Um, retomaremos a leitura de *Por que a Igreja?*. Começaremos a segunda seção: *O SINAL EFICAZ DO DIVINO NA HISTÓRIA. Como a Igreja definiu a si mesma*. “Sinal eficaz”: agora entendemos melhor o porque desse eficaz”. Tudo o que precisamos aprofundar, na verdade, é o que ouvimos esta noite. Se separarmos o que lemos no livro do que ouvimos esta noite, as palavras do livro se tornarão vazias e não nos dirão nada. E se podem parecer-nos vazias não é porque o sejam realmente, mas porque separamos as palavras daquilo que aconteceu aqui esta noite. Neste mês trabalharemos sobre a Introdução da segunda seção e sobre o primeiro ponto do primeiro capítulo “O fator humano” (da pág. 183 à pág. 202), porque a comunicação do divino passa através do humano.

A Escola de Comunidade é uma ajuda para verificar que a fé tem a ver com tudo, como vimos, de modo que a nossa experiência se torne juízo crítico e sistemático sobre tudo. Lembro que as contribuições deverão ser enviadas para o e-mail sdccarron@comunioneliberazione.org: para os estrangeiros até a noite da sexta-feira e para os italianos até a noite do domingo precedente ao nosso encontro de modo que tenhamos tempo de lê-las. Peço que coloquem também o número do celular de vocês para que possamos contatá-los facilmente caso sejam convidados para se colocar.

O Cartaz de Natal deste ano tem como imagem um afresco de Giotto da *Natividade* de Assis e, como texto, uma frase de São Bernardo de Claraval: “Quis vir Aquele que podia contentar-se em nos socorrer”. Poderia ter-nos mandado qualquer ajuda sem vir pessoalmente, como diz o centurião a Jesus: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e meu servo será curado” (*Mt 8,8*). Teria podido nos ajudar do Céu, poupando-se da Encarnação, porém “Quis vir Aquele que podia contentar-se em nos socorrer”. Agora vocês podem começar a entender porque escolhemos essa frase, que leio por inteiro: “Vós, que jazeis no pó da terra, acordai e louvai: pois virá o médico para os doentes, o redentor para os que estão na escravidão, o caminho para os desviados, a vida para os mortos. Vem como quem joga no fundo do mar todos os nossos pecados, como quem cura todas as nossas enfermidades, como quem sobre os próprios ombros de volta à origem da nossa dignidade. Grande é esta potência: porém, ainda mais admirável é a misericórdia, porque quis vir deste modo Aquele que podia contentar-se em nos socorrer” (São Bernardo de Claraval).

O livro do mês para dezembro e janeiro [para a Itália] é *Dalla liturgia vissuta. Una testimonianza* (San Paolo). É um dos primeiros livros de Dom Giussani publicado pela Jaca Book, em 1973, que estava esgotado. A nova edição teve a curadoria de Dom Francesco Braschi, a quem agradecemos por este trabalho. Será interessante ver, também em relação à liturgia, toda a capacidade de Dom Giussani de investigar seus particulares mínimos, conectando-os com a profundidade da vida da Igreja e da vocação de cada um.

A liturgia é apresentada exatamente porque é o ponto sintético de uma posição cultural: o modo com o qual não só se celebra, mas se compreende a liturgia torna-se a manifestação da raiz da qual se origina a atitude em relação aos outros campos e temas da vida.

É impressionante ver a preocupação com a qual o Papa Francisco nos chama continuamente a atenção para os pobres e para as tantas necessidades da nossa sociedade. As Tendas AVSI e a Coleta de Alimentos, junto com a Caritativa, são gestos simples que o Movimento nos propõe há anos para aprendermos a razão dessa atenção, que Dom Giussani esclarece no livreto *O Sentido da Caritativa*: “Consigo explicar a palavra “caridade” quando penso que o Filho de Deus, amando-nos, não nos enviou suas riquezas como poderia ter feito, revolucionando a nossa situação, mas se fez pobre [“Quis vir”] como nós, ‘compartilhou’ a nossa nulidade. Nós fazemos ‘caritativa’ para aprender a viver como Cristo”. Compartilhemos, como Cristo fez conosco.

Na Itália, sábado 26 de novembro acontecerá a Coleta de Alimentos, um evento que já se tornou um gesto de participação popular: são muitíssimas as pessoas, as associações e as entidades – muito além da realidade do Movimento – que se envolvem na realização da Coleta, porque é um gesto tão objetivo e claro que é reconhecido também pelos outros. E o envolvimento é grande também por parte de quem dá, de quem doa, tanto que Dom Giussani define a Coleta como “o fundo comum dos italianos”.

Este ano a Campanha Tendas que apoia alguns projetos da AVSI no mundo, como já citei, tem como fio condutor o tema dos migrantes e refugiados, com particular atenção à questão educativa e profissional. No site da AVSI (www.avsi.org) estão disponíveis as informações e os instrumentos para a realização das Tendas. Este gesto também pode ser realizado com a criatividade e a paixão de cada um nos diversos âmbitos da vida.

Veni Sancte Spiritus